



O percurso da semiótica na USP

Uma homenagem a Beth Brait, José Luiz
Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros,
Luiz Tatit e Norma Discini

HOMENAGEM A JOSÉ LUIZ FIORIN, POR LUCIA TEIXEIRA

Eu me sinto imensamente feliz e honrada de participar desse evento que presta tributo aos grandes fundadores da pesquisa semiótica brasileira. Poderia falar com grande entusiasmo para qualquer dos homenageados. Se fosse falar da Beth Brait, que conheci na minha banca de doutorado, em que sua presença generosa e interessada me ofereceu a segurança e tranquilidade de que eu precisava para a defesa de meu trabalho, se eu fosse falar da Beth agradeceria a parceria sempre gentil, generosa e aberta a todas as possibilidades de estudos do discurso. À Diana eu dedicaria um tratado sobre a perfeição, porque sempre me impressionou sua capacidade de ser gentil, amorosa e competente em todas as atividades a que se dedica. Diana trata da semiótica como trata dos amigos, da família, dos alunos, com amor, paciência, entrega e lucidez. Ao Tatit eu ofereceria uma canção, provavelmente dele mesmo, para me lembrar sempre da inspiração, novidade e inquietude que ele impôs à minha vida acadêmica, e para agradecer o jeito tão simples de nos fazer ouvir o mundo de modo mais poético. Norma Discini encarna o tanto de companheirismo e presença fraterna que recobre de plenitude a vida acadêmica, ao preenchê-la dos sentidos mais importantes da amizade. Com ela,

contemplo a lua, declamo poemas, escuto o barulho do vento e acredito mais na humanidade.

A todos eu diria palavras de agradecimento pela companhia durante os nossos anos de convívio e pelo exemplo de trabalho, engajamento e dedicação. Vocês são, para mim, a USP e por isso eu também amo esta Universidade e me orgulho de ter aqui estudado.

Hoje, no entanto, minha honra e minha alegria são dirigidas especialmente ao fato de ter sido convidada para falar de José Luiz Fiorin, meu professor, orientador e amigo. Pediram-me que falasse da contribuição de Fiorin à área e é por aí que começo, pelo exemplo acadêmico de dignidade, coerência, trabalho e sentido de dever que ele representa, exige e ensina. Mas não teria graça nenhuma um discurso em que as qualidades acadêmicas do Fiorin não viessem misturadas com seus traços de temperamento forte e determinado. Na descrição que Érico Veríssimo faz de Flores da Cunha, no volume I d'*o Arquipélago*, ele fala dos “olhos de um claro azul” que exprimiam às vezes uma inocência que o resto do corpo do personagem renegava. Eu me aproximo dessa passagem do escritor gaúcho por causa dos olhos de um claro azul do Fiorin e dos sentidos desse azul no mar de emoções que este professor impõe aos que dele se acercam. Ninguém escapa de já ter levado alguma bronca do Fiorin ou de tê-lo visto bravo em algum momento inesperado. Creio que a inocência e a bravura se complementam perfeitamente na composição desse ator de tantos enunciados importantes de nossas vidas de semioticistas, colegas, alunos e pesquisadores.

É porque é bravo que Fiorin foi o melhor representante da área de Letras e Linguística que já tivemos no Brasil. Estruturou a área, organizou e criou padrões de avaliação, orientou a formação de inúmeros Programas de Pós-graduação, repensou nosso modo de existir no campo das ciências, projetou a relevância do pensamento das humanidades, estimulou padrões de excelência para a produção voltada para as línguas e as literaturas. Foi bravo porque brigou e foi bravo porque não desistiu, bravo porque se impôs e bravo porque tinha forças para o trabalho e nos fazia trabalhar muito, bravo porque foi vigoroso nas decisões e bravo porque seu poder de argumentação se escudava no mais pleno conhecimento da área, bravo porque foi erudito e bravo porque foi claro em seu modo de dizer.

É também porque é bravo que sempre exigiu padrões de trabalho que elevaram o potencial de pensamento, inquietação e engajamento de tanta gente que passou por suas salas de aula, conferências, cursos e livros. É ainda porque é bravo que Fiorin escreveu tanto, ensinou tanto e amou tanto a todos nós. Ele me disse uma vez que gostava dos cinzas de São Paulo mais que dos azuis do Rio, mas há controvérsias. É da mistura de cinzas e azuis que se faz este professor, que declama poemas em classe e requer relatórios de leitura que lê e anota rigorosamente de uma semana para outra.

Seguir um curso do Fiorin foi um privilégio que me ensinou novamente o que é ser professor. Linguista amoroso da literatura, sua bravura o fez conhecer todos os campos do conhecimento linguístico e devemos a ele e a mais alguns poucos, entre os quais devemos incluir a Diana, o reconhecimento da semiótica como campo de estudos do discurso e do texto acolhido e respeitado na área da linguística. A trajetória em curso do Fiorin celebra a abertura, o diálogo, a tolerância teórica, nem sempre bem acolhidos na academia. Cito um trecho de artigo seu em que, falando sobre a interdisciplinaridade necessária à produção do conhecimento nas grandes áreas de linguística e letras, afirma, com algum pessimismo ao final:

seria preciso disposição para mudar hábitos intelectuais, respeito pela diferença, abertura para a alteridade, vontade de abandonar a comodidade de trilhar os sendeiros já batidos. Seria necessário olhar para nossos vizinhos de sala sem desprezo; admitir que, em ciência, não há feudo, não há exclusividade; reconhecer a legitimidade do outro para tratar do assunto em que se é especialista. Entretanto, a ciência desertou de nossas escolas, pois, quando um ponto de vista teórico ou um campo do saber são vistos como a totalidade do conhecimento, como a verdade, estamos longe do discurso científico e muito perto do discurso religioso. (FIORIN, J.L. Linguagem e interdisciplinaridade. In: Alea, vol. 10, n.1, Rio de Janeiro: UFRJ, jan-jun.2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000100003)

Essa espécie de missão pedagógica de fazer compreender a dimensão da nossa área, criando em nós todos o orgulho de ser das letras e a sensação de por isso viver, para usar suas palavras, “a aventura humana da liberdade” restabeleceu, em tantos alunos que o ouviram, o ânimo, a coragem e a vontade de seguir em frente em sua formação. Dei-me ao trabalho estimulante de ler seu lattes e ali encontrei, nos mais de 400 títulos de suas apresentações, artigos, capítulos e livros um conjunto de textos com duas

vertentes muito claras. De um lado, os textos que eu chamaria de missionários, aqueles que falam de políticas linguísticas, ensino, ética e tratam de temas tão diferentes como reforma ortográfica, variações de uso, ensino de leitura e produção de textos, preconceito e exclusão, fronteiras e mesclas linguísticas, política para as Humanidades, criação e reformulação de cursos de Letras. Ao lado destes, estão os artigos e livros voltados para a reflexão teórica em semiótica, as análises inspiradas dos textos literários e da produção midiática das últimas décadas. Fiorin falou com astúcia, consistência e clareza, de enunciação, argumentação, figuras de retórica, modalização, paixões, análises narrativas, semântica discursiva, relações entre textos e condições sócio-históricas de sua produção. Analisou discursos políticos e literários, estabeleceu princípios, conceitos, sugeriu interpretações, sistematizou métodos, foi além sempre dos modelos e regras. Esses textos compõem a bibliografia obrigatória de concursos e programas de linguística e língua portuguesa nas faculdades de letras. Nenhum estudante de Letras no país, nos últimos anos, terá deixado de ouvir falar de Fiorin e de ler um de seus textos.

Suas conferências em toda parte desse imenso território nacional, sempre finalizadas por aplausos que não cessam e filas de estudantes com seus celulares em busca de selfies e livros em busca de autógrafos, fazem dele um pop-star da semiótica, que não cede às facilidades do panfletarismo ou à celebridade do nome. Fiorin é hoje um dos pesquisadores de maior cultura linguística do país, o que faz com que circule em bancas e eventos de quase todas as especialidades da ciência linguística.

Um amigo meu sempre diz que gostaria de sequestrar o Fiorin e pedir como resgate seu lattes. Em tempos de contabilidade produtiva, valorização do imediatismo e da celeridade e estímulo à superficialidade, a metáfora do sequestro do lattes pode ser quase um fato, ou quase um risco, mas no tempo em que foi formulada significava ainda a admiração diante do saber e do conhecimento.

Quando eu vim fazer meu doutorado e buscava um orientador, encontrei-me no Clube dos Professores com Fiorin e Diana e, com enorme timidez e dificuldade, falei de minha pretensão. Diana iria para o exterior e Fiorin me disse, posso aceitar. Na seleção, um incidente quase cômico, não tivesse sido um enorme susto, quase me eliminou, junto com meu grande amigo Arnaldo Cortina. Erramos o dia da entrevista. Chegamos aqui um dia depois, porque alguém nos dera a informação errada. Depois de alguns

telefonemas, chegou o professor, que eu mal conhecia, bravíssimo, dizendo que devíamos ser reprovados e voltar no ano seguinte. Mudos de espanto, Arnaldo e eu mal reagimos e ele nos disse: vou chamá-los para a entrevista. Primeiro você. Era eu. Ao entrar na sala, encontrei um homem gentil e afável, que me perguntou o que eu gostava de ver no cinema, o que lia e o que fazia na vida universitária. Hesitante de início, logo fui-me pondo à vontade e achei incrível que a entrevista fosse naqueles termos. Ele me falou do compromisso institucional que uma Universidade como a USP devia ter de formar colegas e me disse que estava aceita. Essa primeira impressão, que já devo ter contado a muitos de vocês, permanece em mim como memória metonímica de minha relação com o Fiorin.

Se, como ele mesmo já disse, “uma das finalidades mais nobres da palavra é a de criar utopias e sonhos”, ali, no final de 1989, começou meu sonho do Doutorado e, sobretudo, começou minha admiração por um homem diferente, surpreendente, acolhedor e interessante. Bravo, digamos. Mas sua bravura, como procurei mostrar nesta fala, é bravura de muitas faces, de muitas possibilidades, de muitas motivações e de muitos encantos.

Tão boa quanto sua aula era sua companhia na saída do dia de trabalho para a conversa no Clube dos Professores, onde íamos todos beber, comer e discutir os rumos do universo. Fiorin era sempre muito animado nesses encontros, Norma nos mostrava a lua, Arnaldo e Zaga falavam dos filhos já vindos e por chegar, havia sempre mais gente, mais conversas e mais vinho. A lembrança dessa felicidade de estarmos todos juntos, como diria Drummond, bota “a gente comovido como o diabo” e creio que permanece para sempre em nossos corações. Também isso devemos ao Fiorin, a quem eu tenho hoje a honra de homenagear e a quem desejo vida longa e produção farta, que continue a nos inspirar a todos e a fazer valer a pena ser das letras e ser da linguística, para ser das humanidades.

Gostaria que você, Fiorin, à moda do cronista do fim do século XIX, um dos seus escritores favoritos, o Machado de Assis de tantas faces, pudesse hoje dizer como ele: “Eu não sou homem que recuse elogios. Amo-os; eles fazem bem à alma e até ao corpo. As melhores digestões da minha vida são as dos jantares em que sou brindado.” Sabemos, no entanto, que você vai recusar os elogios e dizer que não fez mais que sua

obrigação. Não discutiremos com você, porque o que importa mesmo é que você guarde, dessas minhas palavras e desse auditório cheio de amigos, o amor a você, que nos inspira, a admiração por você, que nos anima, a gratidão por seu trabalho, que nos ilumina. Muito obrigada. ❖